

III SIMPÓSIO DE FILOSOFIA DA UEM

ESTÉTICA E FILOSOFIA DA ARTE



CADERNO DE RESUMOS

Realização:



Departamento de Filosofia
Universidade Estadual de Maringá

III Simpósio de Filosofia
Estética e Filosofia da Arte

11 a 14 de agosto de 2008

Caderno de Resumos

Universidade Estadual de Maringá
Departamento de Filosofia

III Simpósio de Filosofia: Estética e
Filosofia da arte. **Caderno de resumos.** Andrea Luisa
Bucchile Faggion; José Antonio Martins; José Beluci
Caporalini; José Lourenço Pereira da Silva; Paulo Ricardo
Martines (orgs.). Universidade Estadual de Maringá, de 11
a 14 de agosto de 2008.

Universidade Estadual de Maringá
Av. Colombo, 5790
87020-900
Maringá – Paraná – Brasil

Reitoria

Reitor: Prof. Dr. Décio Sperandio
Vice-Reitor: Prof. Dr. Mário Luiz Neves de Azevedo

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

Diretor: Prof. Dr. Lúcio Tadeu Mota
Vice-diretora: Profa Dra. Ismara Eliane Vidal Passo

Departamento de Filosofia

Chefe: Prof. Dr. José Antonio Martins
Vice-chefe: Prof. Dr. Paulo Ricardo Martines

Coordenação do curso de Filosofia

Profa. Dra. Andréa Luisa Bucchile Faggion

Comissão Organizadora

Prof. Dr. Paulo Ricardo Martines
Profa. Dra. Andrea Luisa Bucchile Faggion
Prof. Dr. José Beluci Caporalini
Prof. Dr. José Lourenço Pereira da Silva

Comissão científica

Prof. Dr. José Antonio Martins
Prof. Dr. Robespierre de Oliveira
Prof. Dr. Rodrigo Hayasi Pinto

Apoio: CAPES

Fundação Araucária
Caixa Econômica
PPG - UEM

Realização

Departamento de Filosofia
Universidade Estadual de Maringá

Apresentação

Os Simpósios de Filosofia da Universidade Estadual de Maringá são, historicamente, uma realização de seu curso de filosofia. Neste ano, ao promovermos a terceira edição consecutiva do evento, pela primeira vez, temos o prazer de dizer tratar-se de uma realização do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual de Maringá, departamento este sendo um sonho que se torna realidade exatamente no ano de 2008.

O “III Simpósio de Filosofia da UEM: estética e filosofia da arte” reúne em Maringá pesquisadores oriundos de várias das melhores instituições de ensino superior do país, o que colabora para a inserção da cidade no cenário nacional da discussão filosófica. Neste sentido, ainda que comemoremos a criação de nosso departamento, o fazemos com a convicção de que a meta alcançada marca apenas o início de uma longa trajetória, que só poderá ser percorrida com a parceria e a colaboração de colegas das mais diversas instituições, linhas de pesquisa, posicionamentos teóricos, etc. Por isso, antes de mais nada, é intenção do Departamento de Filosofia da UEM que seus Simpósios sejam entendidos como espaço de abertura ao diálogo crítico tão essencial ao labor filosófico. Somos profundamente gratos a todos aqueles que aqui vieram dialogar conosco e fazemos votos de que este compartilhamento de saberes entre nós seja dos mais duradouros.

No que se segue, apresentamos os resumos de todas as conferências, comunicações e mini-cursos que serão apresentados neste Simpósio, convidando a todos que tomem parte em um enriquecedor debate de idéias.

Comissão organizadora

Sumário

Apresentação 05

Programação geral 11

Conferências

Prof. Dr. João Carlos SALLES (UFBA) 15
A interpretação dialética das tragédias de Ésquilo

Prof. Dr. José Antônio Alves TORRANO (USP) 15
Wittgenstein e a Gestalt

Prof. Dr. Leonel Ribeiro dos SANTOS (Universidade de Lisboa) 16
A concepção kantiana da experiência estética: novidades, tensões e equilíbrios

Prof. Dr. Pedro Costa REGO (UFRJ) 16
*Algumas considerações comparativas acerca do projeto dedutivo de Kant na
Crítica da Razão Pura e na Crítica do juízo*

Prof. Dr. Vinicius Berlendis de FIGUEIREDO (UFPR) 17
Finalidade na Analítica do Belo

Mini-cursos

Prof. Dr. Alberto ONATE (UNIOESTE) 17
Sartre: filosofia e literatura

Prof. Dr. Claudinei Ap. Freitas da SILVA (UNIOESTE) 18
O assédio da carne e a metamorfose do olhar

Prof. Dr. Arlei de ESPÍNDOLA (UNIOESTE) 19
Rousseau e sua reflexão estética

Prof. Ms Ernesto GIUSTI (UNICENTRO)
Empirismo e gosto: a estética de Hume

Comunicações

- Ana Aisi ANZOLIN (graduanda em filosofia/UEM). 20
O conceito aristotélico de cidadão
- Bruno Santos de Azevedo VALE (UNESP - Marília). 21
A poesia de Artaud e a antipsiquiatria: inter-relações entre performance e linguagem
- Caroline MITROVITCH (mestre em educação/UNESP - Pres. Prudente). 22
A experiência como transformação (Umbildung) do conhecimento
- Christiani MENESES E SILVA (doutoranda em filosofia/PUCRJ). 23
O prazer da tragédia em Aristóteles
- Ciro GARCEZ (graduando em filosofia/UEM). 23
Dedução subjetiva e objetiva na Crítica da Razão pura, a compatibilidade entre prefácio e dedução transcendental
- Diego FREDERICHI (graduando em filosofia/UEM) 24
A Propriedade Privada na Doutrina do Direito de Kant
- Estefferson Silva RODRIGUES (graduando em filosofia/UEM). 24
A Necessidade do conflito político no pensamento político maquiaveliano.
- Fabiano Queiroz da SILVA (mestrando em Filosofia/UNICAMP). 25
De Sloterdijk a Kant: o problema da seleção artificial
- Fernanda Elena ALTVATER (graduanda em filosofia/UEM) 25
A cidade corruptível em agostinho
- Flávio Rodrigues OLIVEIRA (graduando em filosofia/UEM). 26
O teatro como instrumento educacional no período clássico por meio da lenda dos átridas
- Gladys MARIOTTO. (mestre em filosofia/PUCPR). 27
O sublime e a arte do século XXI
- Guilherme LOPEZ (graduando em filosofia/UEM). 27
Legitimação política e convenção em Rousseau
- Gyorgy Laszlo GYURICZA FILHO (Universidade Presbiteriana Mackenzie) 28
- A ausência como impossibilidade de reconhecimento: uma análise filosófica de Walter Benjamin da literatura de Kafka*
- Hélio Dias COSTA JR. (mestrando em filosofia/UFMG) 29
A crítica da noção de 'gênio artístico' e a virada do pensamento de Nietzsche sobre a arte em Humano demasiado humano
- Heliton Rogério ZIMOLOG (graduando em filosofia/UNICENTRO) 31
Agente paciente e espectador em Hume
- José Aparecido PEREIRA (FECEA - Apucarana) 32
A função da estética no pensamento de Schopenhauer
- José Beluci CAPORALINE (UEM) 34
O projeto pedagógico socrático
- José Fernando da Silva (doutorando/UNICAMP) 34
Estética e crise do sujeito na Viena fin de siècle
- Juliana Christina Faizano MURARI (graduanda em filosofia/UEM) 35
A importância pedagógica dos poetas Hesíodo e Homero na educação dos jovens na Grécia antiga
- Juliana DESESSARDS (mestranda em filosofia/PUCPR) 37
Delight & Kontrast – construindo o sublime. Uma leitura do sublime em Burke e Kant sob a ótica da percepção do espaço
- Kátia Mayra Lopes BATISTA (graduanda em história/UEM) 37
Les demoiselles d'Avignon e o cubismo: uma discussão corrente
- Kléber Fermino DIAS (graduando em filosofia/UEM) 39
O homem nos pensamentos de Blaise Pascal
- Lucas dos Reis MARTINS (mestrando em filosofia/UNICAMP) 39
Massa e humanização: De Canetti a Sloterdijk
- Luciano dos SANTOS (mestrando em filosofia/UNICAMP) 40
A essência relacional do homem na carta de Heidegger Sobre o Humanismo
- Marco Antonio BATISTELLA (Graduando em filosofia/UNIOESTE) 41
Sentimento, piedade, e o ideal de belo moral em J.J.Rousseau
- Marlon Santos TRINDADE (mestrando em filosofia/UFOP) 41
A música no processo de superação da arte em Hegel – A tonalidade como o verdadeiro e indícios de superação da tonalidade em diálogo com Adorno

| | |
|--|----|
| Nathalia MUYLEAERT (graduanda em filosofia/UEM) <i>A razão instrumental de Max Horkheimer</i> | 42 |
| Paula JOKURA (graduanda em matemática/UEM) <i>O nascimento da perspectiva e o surgimento da geometria projetiva</i> | 43 |
| Renata de Pina COSTA (mestranda/PUCPR) <i>Os períodos artísticos da arte em Hegel e o fim do período romântico</i> | 44 |
| Renato MOSCATELI (doutorando/UNICAMP) <i>O Republicanismo em Montesquieu e Rousseau</i> | 45 |
| Roberto Carlos Simões GALVÃO (mestre em educação) <i>Fundamentos da educação em Sartre</i> | 47 |
| Tiago Monteiro VIOLANTE(graduando em filosofia/UEL) <i>Em-si e para-si: transfenomenalidade na introdução de O ser e o nada</i> | 47 |
| Vanessa Furtado FONTANA (UNIOESTE) <i>Estética fenomenológica da imagem em Husserl e Sartre</i> | 48 |
| Vivian GOMBI (graduanda em filosofia/UEM) <i>Uma nova sensibilidade: a liberdade contra a racionalidade repressiva</i> | 50 |

PROGRAMAÇÃO

Dia 11 de agosto – segunda-feira

Auditório C-67

9:00h - Mini-curso: ROUSSEAU E SUA REFLEXÃO ESTÉTICA (Prof. Dr. Arlei de ESPÍNDOLA /UNIOESTE)

11:30h - Intervalo para almoço

13:30h - Conferência: A CONCEPÇÃO KANTIANA DA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA: NOVIDADES, TENSÕES E EQUILÍBRIOS (Prof. Dr. Leonel Ribeiro dos SANTOS /Universidade de Lisboa)

15:00h – Intervalo

15:30h - Sessões de comunicações:

Sala 207. Coordenador: Prof. Dr. Arlei de Espíndola

- Guilherme LOPEZ (graduando em filosofia/UEM), LEGITIMAÇÃO POLÍTICA E CONVENÇÃO EM ROUSSEAU
- Renato MOSCATELI (doutorando/UNICAMP), O REPUBLICANISMO EM MONTESQUIEU E ROUSSEAU
- Ana Aisi ANZOLIN (graduanda em filosofia/UEM), O CONCEITO ARISTOTÉLICO DE CIDADÃO
- Fernanda Elena ALTVATER (graduanda em filosofia/UEM), A CIDADE CORRUPTÍVEL EM AGOSTINHO

Sala 209. Coordenador: Prof. Dr. Pedro Costa Rego

- Ciro GARCEZ (graduando em filosofia/UEM), DEDUÇÃO SUBJETIVA E OBJETIVA NA CRÍTICA DA RAZÃO PURA, A COMPATIBILIDADE ENTRE PREFÁCIO E DEDUÇÃO TRANSCENDENTAL
- Lucas dos Reis MARTINS (mestrando em filosofia/UNICAMP), MASSA E HUMANIZAÇÃO: DE CANETTI A SLOTERDIJK
- Fabiano Queiroz da SILVA (mestrando em Filosofia/UNICAMP), DE SLOTERDIJK A KANT: O PROBLEMA DA SELEÇÃO ARTIFICIAL
- Diego FREDERICHI (graduando em filosofia/UEM), A PROPRIEDADE PRIVADA NA DOCTRINA DO DIREITO DE KANT

Sala 211. Coordenador: Prof. Dr. José Beluci Caporalini

- Paula JOKURA (graduanda em matemática/UEM), O NASCIMENTO DA PERSPECTIVA E O SURGIMENTO DA GEOMETRIA PROJETIVA

- José Fernando da SILVA (doutorando/UNICAMP), *ESTÉTICA E CRISE DO SUJEITO NA VIENA FIN DE SIECLE*
- Kátia Mayra Lopes BATISTA (graduanda em história/UEM), *LES DEMOISELLES D'AVIGNON E O CUBISMO: UMA DISCUSSÃO CORRENTE*
- Estefferson Silva RODRIGUES (graduando em filosofia/UEM), *A NECESSIDADE DO CONFLITO POLÍTICO NO PENSAMENTO POLÍTICO MAQUIAVELIANO.*

Dia 12 de agosto – terça –feira

9:00h - Mini-curso: *EMPIRISMO E GOSTO: A ESTÉTICA DE HUME* (Prof. Ms Ernesto GIUSTI/UNICENTRO)

11:30h: Intervalo para almoço

13:30h - Conferência: *ALGUMAS CONSIDERAÇÕES COMPARATIVAS ACERCA DO PROJETO DEDUTIVO DE KANT NA CRÍTICA DA RAZÃO PURA E NA CRÍTICA DO JUÍZO* (Prof. Dr.Pedro Costa REGO /UFRJ)

15:00h: Intervalo

15:30h - Sessões de comunicações:

Sala 207. Coordenador: Prof. Dr. Robespierre de Oliveira

- Caroline MITROVITCH (mestre em educação/UNESP - Pres. Prudente), *A EXPERIÊNCIA COMO TRANSFORMAÇÃO (UMBILDUNG) DO CONHECIMENTO*
- Vivian GOMBI (graduanda em filosofia/UEM), *UMA NOVA SENSIBILIDADE: A LIBERDADE CONTRA A RACIONALIDADE REPRESSIVA*
- Nathalia MUylaert (graduanda em filosofia/UEM), *A RAZÃO INSTRUMENTAL DE MAX HORKHEIMER*
- Gyorgy Laszlo GYURICZA FILHO (Universidade Presbiteriana Mackenzie), *A AUSÊNCIA COMO IMPOSSIBILIDADE DE RECONHECIMENTO: UMA ANÁLISE FILOSÓFICA DE WALTER BENJAMIN DA LITERATURA DE KAFKA*

Sala 209. Coordenador: Prof. Ms Ernesto Giusti

- Heliton Rogério ZIMOLOG (graduando em filosofia/UNICENTRO), *AGENTE PACIENTE E ESPECTADOR EM HUME*
- Bruno Santos de Azevedo VALE (UNESP - Marília), *A POESIA DE ARTAUD E A ANTIPSIQUIATRIA: INTER-RELAÇÕES ENTRE PERFORMANCE E LINGUAGEM*
- Christiani Meneses e SILVA (doutoranda em filosofia/PUCRJ), *O PRAZER DA TRAGÉDIA EM ARISTÓTELES.*

- Marco Antonio BATISTELLA (graduando em filosofia/UNIOESTE), *SENTIMENTO, PIEDADE, E O IDEAL DE BELO MORAL EM J.J.ROUSSEAU*

Sala 211. Coordenador: Prof. Dr. Vinicius Berlendis de Figueiredo

- Renata de Pina COSTA (mestranda/PUCPR), *OS PERÍODOS ARTÍSTICOS DA ARTE EM HEGEL E O FIM DO PERÍODO ROMÂNTICO*
- Gladys MARIOTTO (mestre em filosofia/PUCPR), *O SUBLIME E A ARTE DO SÉCULO XXI*
- Juliana DESESSARDS (mestranda em filosofia/PUCPR), *DELIGHT & KONTRAST – CONSTRUINDO O SUBLIME. UMA LEITURA DO SUBLIME EM BURKE E KANT SOB A ÓTICA DA PERCEPÇÃO DO ESPAÇO*
- Marlon Santos TRINDADE (mestrando em filosofia/UFOP), *A MÚSICA NO PROCESSO DE SUPERAÇÃO DA ARTE EM HEGEL – A TONALIDADE COMO O VERDADEIRO E INDÍCIOS DE SUPERAÇÃO DA TONALIDADE EM DIÁLOGO COM ADORNO*

Dia 13 de agosto – Quarta-feira

9:00h - Mini-curso: *SARTRE: FILOSOFIA E LITERATURA* (Prof. Dr. Alberto ONATE/UNIOESTE)

11:30h: Intervalo para almoço

13:30h: Conferência: *FINALIDADE NA ANALÍTICA DO BELO* (Prof. Dr. Vinicius Berlendis de FIGUEIREDO /UFPR)

15:00h - Intervalo

15:30h - Sessões de comunicações:

Sala 207. Coordenador: Prof. Dr. Alberto Onate

- Luciano dos SANTOS (mestrando em filosofia/UNICAMP), *A ESSÊNCIA RELACIONAL DO HOMEM NA CARTA DE HEIDEGGER SOBRE O HUMANISMO*
- Tiago Monteiro VIOLANTE (graduando em filosofia/UDEL), *EM-SI E PARA-SI: TRANSFENOMENALIDADE NA INTRODUÇÃO DE O SER E O NADA*
- Vanessa Furtado FONTANA (UNIOESTE), *ESTÉTICA FENOMENOLÓGICA DA IMAGEM EM HUSSERL E SARTRE*

Sala 209. Coordenador: Prof. Dr. José Lourenço P. da Silva

- Flávio Rodrigues OLIVEIRA (graduando em filosofia/UEM), *O TEATRO COMO INSTRUMENTO EDUCACIONAL NO PERÍODO CLÁSSICO POR MEIO DA LENDA DOS ÁTRIDAS*

-Juliana Christina Faizano MURARI (graduanda em filosofia/UEM), *A IMPORTÂNCIA PEDAGÓGICA DOS POETAS HESÍODO E HOMERO NA EDUCAÇÃO DOS JOVENS NA GRÉCIA ANTIGA*

-José Beluci CAPORALINE (UEM), *O PROJETO PEDAGÓGICO SOCRÁTICO*

Sala 211. Coordenador. Prof. Dr. Cristiano Perius

-José Aparecido PEREIRA (FECEA/Apucarana), *A FUNÇÃO DA ESTÉTICA NO PENSAMENTO DE SCHOPENHAUER*

-Hélio Dias COSTA JR. (mestrando em filosofia/UFMG), *A CRÍTICA DA NOÇÃO DE 'GÊNIO ARTÍSTICO' E A VIRADA DO PENSAMENTO DE NIETZSCHE SOBRE A ARTE EM HUMANO DEMASIADO HUMANO*

-Roberto Carlos Simões GALVÃO (mestre em educação), *FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO EM SARTRE*

-Kléber Fermino DIAS (graduando em filosofia/UEM), *O HOMEM NOS PENSAMENTOS DE BLAISE PASCAL*

Dia 14 de agosto – Quinta-feira

9:00h - Mini-curso: *O ASSÉDIO DA CARNE E A METAMORFOSE DO OLHAR* (Prof. Dr. Claudinei Ap. Freitas da SILVA /Unioeste)

11:30h - Intervalo para almoço

13:30 - Conferência: *A INTERPRETAÇÃO DIALÉTICA DAS TRAGÉDIAS DE ÉSQUILO* (Prof. Dr. Jaa TORRANO/USP)

15:00h - Intervalo

15:30h - Conferência de Encerramento: *WITTGENSTEIN E A GESTALT* (Prof. Dr. João Carlos SALLES/UFBA)

Resumos

Conferências

Wittgenstein e a Gestalt

Prof. Dr. João Carlos Salles Pires da Silva (UFBA)

Imagens ambíguas, a exemplo da célebre cabeça de pato-lebre, constituem enigmas da percepção, em relação aos quais é difícil discernir respostas científicas ou, com tanto mais força, respostas filosóficas. Em nossa exposição, procuraremos recuperar o diálogo de Wittgenstein com as contribuições da psicologia da Gestalt. Nesse caso, interessa-nos como as questões fenomenológicas suscitadas pela ciência da percepção se resolvem de modo filosófico na rica gramática do 'ver' e do 'ver como', tal como analisada por Wittgenstein em seus escritos sobre a filosofia da psicologia. Esperamos assim mostrar como, em meio a seu labor especificamente filosófico e por conta de uma terapia gramatical, o visível não mais se apresenta como instância imune ou anterior à significação lingüística.

A Interpretação Dialética das Tragédias de Ésquilo

Prof. Dr. José Antônio Alves Torrano (USP)

Se a um olhar perdido as tragédias que nos chegaram avulsas de Ésquilo (a saber: "Os Persas", "Os Sete contra Tebas", "As Suplicantes" e "Prometeu") parecem fragmentárias, e dilaceradas pela corrupção da tradição, a sinopse do sistema de imagens e de noções próprias do pensamento mítico grego arcaico e clássico, documentado nessas tragédias, descobre uma unidade complexa. Que unidade é essa que só essa sinopse nos revela? A essa unidade de visão de mundo - revelada apenas por esse olhar sinóptico - poderíamos chamar, com propriedade, "dialética trágica". Nas tragédias de Ésquilo, pode-se observar a "dialética trágica", pré-filosófica e icástica, na qual se confundem e se distinguem quatro pontos de vista e quatro graus de verdade, correspondentes à hierarquia do divino (Deuses, Numes, heróis), tradicional entre os gregos, e aos homens mortais em seu horizonte político.

A Concepção Kantiana da Experiência Estética: novidades, tensões e equilíbrios

Prof. Dr. Leonel Ribeiro dos Santos (Universidade de Lisboa)

Embora a intenção de Kant, ao escrever a Primeira Parte da sua "Crítica do Juízo" (1790), não fosse propor uma "Estética" ou uma "Filosofia da Arte", todavia a sua abordagem dos problemas estéticos, sob a forma de uma "crítica do juízo estético" (ou do "juízo de gosto"), representa um marco decisivo na história do pensamento estético, o qual, se por um lado confirma e consagra o reconhecimento da natureza peculiar da experiência e sentimento estéticos e a respectiva irredutibilidade e autonomia frente ao conhecimento científico e à vivência ética, por outro assinala aquilo a que já se chamou a "viragem para a Estética", ou seja, o reconhecimento da importância fundamental da experiência estética e até do primado da Arte no sistema das realizações do espírito, o que veio a ser protagonizado na cultura germânica pelos movimentos classicista, romântico e idealista de finais do século XVIII e começos do século XIX.

O objectivo da conferência é identificar alguns dos aspectos peculiares da problematização kantiana do sentimento estético, assinalar as suas tensões e os equilíbrios que a sustentam e mostrar como a sua fecundidade especulativa não se esgota no aproveitamento que a geração pós-kantiana fez de alguns dos seus elementos, mas continua a revelar-se na redescoberta que nas últimas décadas dela vem sendo feita e cujo significado vai muito para além da possibilidade que oferece para revitalizar os debates contemporâneos acerca dos problemas estéticos e artísticos.

Algumas Considerações Comparativas acerca do Projeto Dedutivo de Kant na *Crítica da Razão Pura* e na *Crítica do Juízo*

Prof. Dr. Pedro Costa Rego (UFRJ)

Procedemos inicialmente a uma análise do projeto kantiano de uma dedução transcendental dos conceitos puros do entendimento na primeira Crítica com o fim de avaliar a hipótese de que o argumento nessa seção tem no filósofo cético seu interlocutor privilegiado. Em seguida, investigamos os principais passos da dedução dos juízos de gosto puros da terceira Crítica chamando a atenção para semelhanças e diferenças.

relevantes relativamente aos objetivos da dedução dos juízos cognitivos. Finalmente, perguntamos pela possibilidade de a dedução dos juízos de gosto acompanhar o projeto da CRP de uma refutação do cético, desta feita, em matéria de estética.

Finalidade na Analítica do Belo

Prof. Dr. Vinicius Berlendis de Figueiredo (UFPR)

Pretendo examinar como a Analítica do Belo traz profundas modificações para a abordagem que Kant dispensara à finalidade na *Crítica da razão pura*, sobretudo no "Apêndice à Dialética Transcendental". A entrada em cena da noção de "Gemüt" e, articulada a ela, do livre-jogo entre imaginação e entendimento, possibilitam a Kant fundar a finalidade em pressupostos que pouco ou nada devem à noção de "esquema racional", decisiva na primeira *Crítica*.

Mini-cursos

Sartre: filosofia e literatura

Prof. Dr. Alberto Onate (UNIOESTE)

Adotando como referência o romance *A náusea*, trata-se de investigar as implicações mútuas entre as abordagens filosóficas e literárias. A exposição desenvolver-se-á em torno a uma questão condutora: qual a importância dos personagens elaborados por Sartre, sobretudo Roquentin e o Autodidata, na apresentação e discussão dos conceitos propriamente filosóficos (náusea, absurdo, contingência, etc) explorados ao longo do romance? Como falar com propriedade da disposição de humor da náusea sem o recurso a um personagem marcante que a expresse? Nauseado, Roquentin experimenta em seu grau mais extremo a caducidade da dicotomia sujeito-objeto. Experiência que só se manifesta de modo pertinente na narrativa, em contraponto à vivência: "Quando se vive, nada ocorre. Os cenários mudam, as pessoas entram e saem; é tudo. Nunca há princípios ... Viver é isto. Mas quando se conta a nossa vida, tudo muda". Na narrativa de Roquentin

instaura-se o âmbito possibilitador da aventura da náusea. Aventura que só pode ser compreendida com a interligação das noções de acontecimento, de instante, de momento perfeito e de liberdade. Roquentin, liberto enfim de seu alter-ego Rollebon, torna-se aventureiro e abandona-se à náusea.

O Assédio da Carne e a Metamorfose do Olhar

Prof. Dr. Claudinei Aparecido de Freitas da Silva (UNIOESTE)

Resumo: “O que tento lhe traduzir é mais misterioso, se enreda nas raízes mesmas do ser, na fonte impalpável das sensações”. Este profundo testemunho, retratado por Gasquet, a propósito da criação estética de Cézanne e, por sua vez, epigrafado no célebre ensaio *L'œil et l'esprit* de Merleau-Ponty, é especialmente sugestivo. Merleau-Ponty chama a atenção de que a filosofia necessita renascer-se sob o espírito de uma nova tarefa, isto é, enquanto “reabilitação ontológica do sensível”. Reabilitar o ser do sensível nada mais implica do que traduzir a experiência última de um mistério: o de nossa carnalidade. Ora, a obra de arte rememora, admiravelmente, este enigma, pois em cada gesto pictórico, o que assistimos, é a deflagração de uma metamorfose *sui generis*: ao “oferecer seu corpo ao mundo, o pintor transforma o mundo em pintura”. Isso significa que não se sabe mais o que é dele e o que pertence ao espectador. Também não se sabe mais o que lhe pertence e pertence à própria matéria-prima, da qual, é extraída, pelas mãos do artista, sua essência mais laboriosa. Eis, então, a razão de princípio pela qual jamais conseguiremos subsumir, através de nossos recursos conceituais, essa “transubstanciação” operada pela carne do mundo, uma vez que é ela própria que, permanentemente, nos assedia, revestindo-nos laboriosamente, em seu tecido selvagem. Assim, se nossas categorias habituais, por mais rigorosas que sejam, estão bem longe de esgotar a riqueza desse evento, é porque, em última análise, ele transfigura um “mistério” ao qual Cézanne entre outros jamais deixaram de travar um corpo a corpo: a descida arqueológica às raízes mesmas do ser, a sensação do próprio odor da paisagem impregnado na tela, revelando-nos a natureza em sua origem. O que se vislumbra neste horizonte aberto pela obra de arte, é a gratuidade deste enigma do sensível, um movimento dialético entre o visível e o invisível, cuja metamorfose o corpo recria de forma exemplar.

Jean-Jacques Rousseau e sua Reflexão Estética

Prof. Dr. Arlei de Espíndula (UNIOESTE)

Jean-Jacques Rousseau não chegou a realizar uma exposição geral e sistemática de suas idéias estéticas. Vivendo numa época em que a estética se constitui como um campo de investigação autônomo, ele inicia seu percurso teórico fazendo um diagnóstico dos males que a sociedade, e os maus governos, trazem à espécie humana em todos os âmbitos. Pensador controvertido e indisposto ao tradicional espírito de sistema, falando agora em termos mais específicos de seu ato de inspeção, reserva às belas-arts argumentos que não a livram, por um lado, de ser atingida pelo mal, e, por outro, juízos que a definem como alvo, assim como o universo geral da cultura, de seu completo desprezo. Ora as artes, ao lado da ciência, da filosofia e da literatura, são definidas como responsáveis pela ampliação de nossa comodidade frente à escravidão; ora são culpadas pela atenuação do respeito que tínhamos pelos nossos deveres e pela virtude; ora são culpadas, juntamente com a vida em sociedade, pelo descaso que revelamos diante da busca da verdade e pelo florescimento do desejo de ser, unicamente, agradável e simpático aos olhos do público, principalmente no caso daqueles que assumem o papel de artista. É por essa razão que este último, no entender de Rousseau, “rebaixará seu gênio no nível de seu século e preferirá compor obras comuns, que sejam admiradas durante sua vida, a maravilhas que só serão admiradas muito tempo depois de sua morte”.

Os raciocínios do filósofo, no progresso de sua trajetória intelectual, chegam a levar o leitor, entretanto, a entender que as artes, assim como o saber em geral, não exercem uma função essencialmente positiva na sociedade. Jean-Jacques Rousseau, que se sente animado com muita força pelo interesse de encontrar a verdade, só percebe uma motivação por parte daqueles que se mostram tocados pelos “talentos” que ele chama de “deleitáveis” no momento em que se põem a agir. “Todo homem que se preocupa – aos olhos de Rousseau – com os talentos deleitáveis quer agradar, ser admirado e quer ser admirado mais do que um outro; os aplausos públicos pertencem somente a ele”.

O leitor do texto do filósofo de Genebra pode julgar, considerando o que foi afirmado até aqui, que ele ou despreza absolutamente as artes ou então não possui qualquer interesse por elas. O presente Mini-Curso objetiva, grosso modo, alertar que Rousseau sempre

pensa os problemas teóricos vinculando-os à moral e à política e que seu trabalho especulativo precisa ser julgado levando em conta sempre a totalidade de sua produção. Assim, teremos condições de mostrar que o filósofo possui gosto pelas belas-artes, mas esse gosto passa por uma recusa do que é feito neste plano em sua época. No caso do teatro e da música ficaremos numa posição que nos permitirá notar, partindo de fragmentos da Carta à D'Alembert sobre os espetáculos e da análise integral da Carta sobre a música francesa, que sua crítica supõe a existência da subjetividade enquanto ponto de partida, mas uma subjetividade que não é a preconizada por Descartes no século XVII; supõe também a existência de um outro critério de verdade, contrário da mesma forma aos ditames da tradição, que se fixa na consideração da presença infalível da "consciência", do "sentimento interior", no fórum íntimo do indivíduo. Semelhantes princípios, estabelecidos como critérios de verdade, são caracterizados como vozes celestes cujo diferencial reside, sinteticamente falando, em se anteciparem ao ato de intelectualização. Embora se torne impossível, ao fim e ao cabo, salvar o teatro da decapitação promovida por Rousseau, acredito que terei condições de apontar, nesta minha presente exposição, o porquê de a melodia e as vozes ficarem sobrepostas à primazia que foi concedida por Rameau à harmonia e aos instrumentos na música.

Comunicações

Ana Aisi ANZOLIN (graduando em filosofia/UEM)

aaanzolin@bol.com.br

O conceito aristotélico de cidadão

Em *A Política*, Aristóteles desenvolve um dos mais bem articulados sistemas políticos já elaborados por um filósofo. Esta obra é repleta de conceitos e definições, porém a presente análise terá como foco a natureza da *pólis*, a noção de cidadão e a possibilidade do *lógos* como relação necessária para ser cidadão. Ao nos inserirmos na obra, nos deparamos com pontos fundamentais de seu pensamento político. Dentro desta perspectiva são apresentados aqui os conceitos do que é uma *pólis* por natureza, um *zoon*

politicon e suas funções, assim como a relação do *lógos* com os conceitos prescritos de *pólis* e cidadão. Para tanto, far-se-á necessária uma análise estruturada do texto por meio de questionamentos, a saber: a questão da *pólis*, de que forma poderíamos defini-la como sendo por natureza, porque é nela que o homem busca a plenitude e porque, uma vez que a *pólis* é para todos, existe a exclusão do direito de cidadania para alguns. Em seguida, quanto ao *zoon politicon*, o que o torna um ser político, qual a finalidade de buscar a plenitude proporcionada pela *pólis*, quais critérios são usados para os diferirem dos outros homens, tornando-os assim cidadãos, e quando atingem o grau de cidadãos qual sua colaboração para a *pólis*. Por fim, qual é o papel do *lógos* na formação de uma *pólis* e na vida de um homem. Considerando que esta comunicação é parte de um projeto de pesquisa e visto que este está apenas no início, não é parte do objetivo da apresentação responder de forma peremptória a qualquer questão que o texto possa apresentar e tampouco definir de modo cabal os conceitos nele presentes. Portanto, o real objetivo dessa pesquisa é abordar a relação de *pólis* e cidadão, junto com a função que exerce o *lógos* na *pólis*.

Palavras-chave: Aristóteles – Cidade (*polis*) – Cidadão (*zoon politikon*) - Logos

Bruno Santos de Azevedo VALE (Unesp/Marília)

pikdrato@yahoo.com.br

A poesia de Artaud e a antipsiquiatria: inter-relações entre performance e linguagem

O manifesto do teatro da crueldade, através de um profundo ataque ao estruturalismo ocidental, iguala o teatro à vida. Por consequência, a sua crítica ultrapassa os limites da representatividade, equiparando-se a um ato político. É o teatro como acontecimento: "El Arte no es la imitación de la vida, sino que la vida es la imitación de un principio trascendente con el que el arte nos vuelve a poner en comunicación" (ARTAUD, *Teatro y su doble*). Este trabalho propõe um contato mais consistente com a poesia do texto "Van Gogh – suicidado pela sociedade", dando maior dimensão ao seu manifesto antipsiquiátrico e filosófico, em confluência aos escritos de Deleuze, Guattari e Derrida que extraíram da experiência artaudiana a concepção substancial e histórica de um

“corpo sem órgãos”, e a clausura da *representação* no teatro e na vida que se priva a sacração de um Deus (*Logos*) morto. Tal contato perpassa pela questão do perspectivismo na antropologia, e constrói a discussão sobre o detrimento da(s) subjetividade(s) e o papel das instituições, a exemplos de espaços onde esta lógica se dá de maneira extremamente “clara”: como o manicômio.

Palavras-chaves: Antipsiquiatria, poesia, Antonin Artaud, perspectivismo, representação, corpo sem órgãos, esquizo-análise.

Caroline MITROVITCH (mestre em educação/Unesp - Pres. Prudente)

cmitrovitch@hotmail.com

A experiência como transformação (Umbildung) do conhecimento.

Esta comunicação apresenta um estudo sobre a relação entre ética e epistemologia no pensamento de Walter Benjamin, notadamente aquela que sobressai de sua concepção de apresentação (*Darstellung*) da verdade. Dessa maneira, veremos o papel imprescindível da estética nessa relação, esclarecendo seu lugar face à crítica do conhecimento contida na perspectiva benjaminiana de uma concepção de filosofia concebida a partir da “dialética da ruína”. Nosso objetivo é mostrar como as categorias da deformidade e distorção (*Entstellung*) caracterizam peculiarmente não apenas o papel da estética, como também o da teologia, no pensamento de Benjamin, em particular no que se refere ao seu conceito de experiência. Esse tema introduz uma reflexão sobre a relação entre experiência e a noção de *sensus communis*, já que esta última se traduz pela procura por um sentido comum, quando a fragmentação do cenário social ameaça nos destituir da capacidade de narrar o ocorrido. Desdobra-se dessa abordagem a intervenção de uma atitude ético-estética, constitutiva do conceito benjaminiano de experiência, a qual é analisada aqui sob as prerrogativas de uma concepção de educação forjada a partir da alternativa experiência/ sentido, isto é, contra os binômios teoria/ prática e ciência/ tecnologia

Palavras-chave: experiência - formação cultural (Bildung) - crítica do conhecimento.

Christiani MENESES E SILVA (doutoranda em filosofia/PUCRJ)

chrisfilo@ig.com.br

O prazer da tragédia em Aristóteles.

A presente comunicação tem o objetivo de mostrar como a tragédia proporciona prazer. Este tipo de composição poética tem como finalidade surtir no espectador, ou no leitor, temor e piedade, emoções descritas tanto na *Poética*, quanto na *Retórica* como dores. Além de suscitar tais emoções, a tragédia provoca também prazer e este parece ligar-se à capacidade do homem para imitar, seja pela pintura e escultura, seja através do poema trágico. O problema é entender como o drama trágico proporciona prazer.

Palavras-chave: Poética; *mimesis*; emoções; temor; piedade; prazer.

Ciro GARCEZ (graduando em filosofia/UEM)

cirogarcez@gmail.com

Dedução subjetiva e objetiva na Crítica da Razão pura, a compatibilidade entre prefácio e dedução transcendental

O período crítico da filosofia, isto é, a investigação do que pode conhecer o entendimento e a razão, é inaugurado por Immanuel Kant em seu livro *Crítica da Razão Pura*. Em linhas gerais, tal obra trata de legitimar os verdadeiros preceitos da ciência metafísica, ou seja, de todo conhecimento que se possa adquirir a priori, isto é, independente da experiência. A *Crítica* divide-se em duas partes, Doutrina Transcendental dos Elementos e Doutrina Transcendental do Método. A primeira subdivide-se em Estética Transcendental, que trata das considerações sobre o espaço e o tempo, e Lógica Transcendental, que trata da possibilidade de conceitos a priori e do alcance de sua validade. A Lógica por sua vez, divide-se em analítica transcendental e dialética transcendental. Esta trata da impossibilidade de um conhecimento a priori sem aplicação à sensibilidade, aquela trata dos conceitos e princípios possuídos de modo a priori. Nosso trabalho concentra-se na primeira seção da dedução transcendental, que compõe a analítica transcendental. Nosso intuito é analisar, a partir deste texto, a questão da distinção entre a dedução objetiva e subjetiva, introduzida por Kant logo no Prefácio à

primeira edição da Crítica. A parte objetiva da dedução trata dos objetos do entendimento puro e a subjetiva trata do entendimento puro por si mesmo. Pretendemos estudar a compatibilidade entre a primeira seção da dedução, que, segundo Kant, conteria a dedução objetiva, e a descrição desta no prefácio para melhor compreendermos talvez a parte mais importante da Crítica da Razão Pura, a saber, a Dedução Transcendental.

Palavras chave - dedução transcendental – dedução objetiva – dedução subjetiva - epistemologia - metafísica

Diego FREDERICHI (graduando em filosofia/UEM)
di_frederichi@hotmail.com

A Propriedade Privada na Doutrina do Direito de Kant

O trabalho examina a exposição do conceito de propriedade privada e sua justificativa na *Doutrina do Direito*, de Immanuel Kant. Primeiramente, verificaremos o que o autor entende pela posse de um objeto exterior e de que modo este conceito gera uma questão jurídica. Na seqüência, examinamos como a questão é resolvida mediante o postulado jurídico da razão prática. Em um momento final, analisaremos os conceitos de posse comum inata do solo e vontade universal, pois, de acordo com Kant, tais conceitos funcionam como condições da aquisição de propriedade. Buscaremos entender como isto acontece.

palavras-chave: Axioma do direito; Postulado jurídico; posse jurídica; vontade geral unificada; posse comum original

Estefferson Silva RODRIGUES (graduando em filosofia/UEM)
estefferson@hotmail.com

A Necessidade do conflito político no pensamento político maquiaveliano.

O nosso objetivo neste texto é analisar o conceito de conflito político nos dez primeiros capítulos do livro I dos *Discursos sobre a primeira década de Tito Livio*. Esse conceito está melhor desenvolvido, particularmente, nos capítulos III e IV, nos quais se analisa os acontecimentos que levaram à criação dos tribunos da plebe e a

conseqüente desunião entre a plebe e o senado, que tornou a república livre e poderosa. Assim, tanto a argumentação anterior que prepara este assunto como a posterior que tem em si as influências desse novo conceito estão relacionadas, pois no encadeamento da reflexão percebemos a formação daquele que ficou conhecido como o “*Pequeno tratado sobre as repúblicas*”.

Fabiano Queiroz da SILVA (mestrando em Filosofia/UNICAMP)
fabifilosofia@hotmail.com

De Sloterdijk a Kant: o problema da seleção artificial

Este trabalho tem por meta uma análise kantiana do problema da seleção artificial exposto por Peter Sloterdijk na obra *regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo*. Para tanto, far-se-á necessário um recurso às obras *Crítica da Razão Pura*, *Fundamentação da Metafísica dos Costumes* e *Crítica da Razão Prática* de Immanuel Kant, pois nelas encontram-se possíveis soluções ao problema prático contemporâneo.

Palavras-chave: seleção artificial, imperativo categórico, regra prática, lei moral.

Fernanda Elena ALTVATER (graduanda em filosofia/UEM)
fernandaelenaaltvater@yahoo.com.br

A cidade corruptível em agostinho

Nos três últimos livros das *Confissões*, Agostinho define o conceito de tempo. Para ele, o tempo é criação de Deus, sendo corruptível assim como o ser humano. Colocando o problema existente na relação entre o homem e o tempo, percebe-se que o homem não é capaz de conceber a eternidade, no entanto, é ainda mais problemático conceber que Deus tenha criado um ser contrário a sua natureza eterna e incorruptível. Onde pode-se inferir que, se o homem não é absolutamente contrário a natureza de Deus, é natural que seu objeto de desejo não seja perecível. Se os homens se unem ao redor de um objeto de desejo e assim formam uma cidade, como pensar na divisão das duas

idades: *A Cidade de Deus* e a *cidade Celeste*, propostas por Agostinho em sua obra: *A Cidade de Deus*. O objetivo desta pesquisa é exatamente tentar esclarecer a dualidade que existe na natureza humana e que parece ser transferida para o âmbito da cidade quando os homens se unem para formá-la

Segundo Agostinho, tudo é criação de Deus, inclusive o tempo, que assim como o homem e as demais criaturas é perecível e corrompe-se. Tudo que há na esfera do tempo é corruptível. Ainda que a natureza humana seja corrupta e perecível Deus toma parte nela. E o homem busca ligar-se a Deus através do amor, que fará dele o único objeto do desejo humano que traz felicidade eterna. Em sua obra *Cidade de Deus* ele trabalhará com uma cidade inserida na esfera do tempo: nela se separam os habitantes terrestres e os habitantes celestes que são ligados a Deus. E dentro dessa cidade o homem traz sua dualidade individual para uma esfera coletiva, sendo que os habitantes só encontram a verdadeira ordem voltando-se para o supremo bem que é amar a Deus.

Palavras-chaves: Deus, tempo, homem, corrupção, cidade.

Flávio Rodrigues OLIVEIRA (graduando em educação/UEM)

fravyo@yahoo.com.br.

O teatro como instrumento educacional no período clássico por meio da lenda dos átridas

Este projeto, em nível de Iniciação Científica tem como propósito analisar a lenda dos Átridas dentro da trilogia *Oréstia* de Ésquilo e, por meio desta, entender a influência do teatro na educação realizada pelos gregos no século V a.C.. Consideramos de suma importância compreender os processos educativos realizados pelos gregos, pois sempre aprendemos muito com eles sobre suas metodologias, práticas e estratégias para a transmissão da cultura mítica-religiosa e das *lex morales*. Dito de outra forma, fazer uma análise da obra *Oréstia* de Ésquilo poder-nos-á ajudar a entender um período de profundas transformações, principalmente no meio educacional da época vigente, além disso conhecê-la implica como entender o pensamento grego vivenciado por eles, e como se manifestaram diante dos problemas que surgiram no âmbito educacional, pois, assim como Bloch diz, para que seja feita a ciência temos que entender a história, pois segundo

ele “a história é a ciência dos homens no tempo [...] (BLOCH, 1965, p.29)”. Portanto, acreditamos que este projeto de pesquisa em nível de iniciação científica justifica-se na medida em que pretendemos fazer um estudo mais aprofundado sobre os modelos educativos grego, visto que é extremamente oportuno, uma vez que acreditamos que o teatro grego influenciou e realizou uma forma de ensino que esteve diretamente vinculado ao sistema cultural e social grego.

Palavras chave: Átridas, História da Educação, Ésquilo.

Gladys MARIOTTO (mestre em filosofia/PUCPR)

gladys.mariotto@uol.com.br,

O sublime e a arte do século XXI

Este estudo pretende refletir acerca da obra estética kantiana, mais especificamente abordar a noção de sublime. Parte desta reflexão tem como campo de trabalho, principalmente, as obras *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime* e *Crítica da faculdade do juízo*, ambas de Immanuel Kant. Outro apoio para esta pesquisa está na condução de Jean François Lyotard, em sua análise do fenômeno pós-moderno e na recuperação que faz do sublime kantiano para a estética atual. A pesquisa se sustenta nas obras *Lições sobre a analítica do sublime*, *A condição pós-moderna* e o artigo *O que é pós-moderno*. Por fim, em vista da recuperação lyotardiana, o trabalho analisa o sublime kantiano na perspectiva da arte contemporânea, aplicando-o a obras de arte atuais.

Palavras-chave: sublime, belo, Immanuel Kant, Jean François Lyotard, pós-moderno, arte, arte contemporânea, estética.

Guilherme LOPEZ (graduando em filosofia/UEM)

guilopes11@hotmail.com.

Legitimação política e convenção em Rousseau

Jean-Jacques Rousseau fez parte de uma corrente filosófica conhecida como *Contratualismo*, doutrina segundo a qual a sociedade fora estabelecida por seus cidadãos,

por meio de um *contrato* ou *pacto social*. É neste texto, a saber, *O Contrato Social*, que Rousseau disserta sobre a sua visão sobre tal doutrina. A proposta dessa comunicação é investigar n’*O Contrato Social*, no interior da sociedade civil, como que a força, entendida como poder político, pode ser legitimada por meio das convenções, tendo em vista a implantação e a firmação de uma ordem política. Para tanto, far-se-á necessário definir o termo força dentro do *Contrato*, mostrar como essa força pode ser entendida como poder político e qual a sua relevância em uma sociedade regida pelo contrato. Em seguida, expor a questão das convenções, explicando o que elas são, qual a sua importância e função em Estado fundado pelo *pacto social* e como ela pode legitimar a força. O foco desta análise será, basicamente, o processo de escravização de um povo conquistado, posto que essa atividade faz parte de um projeto de pesquisa que está em seu início e não tem como objetivo definir qualquer conceito e tampouco oferecer uma interpretação precisa do texto, mas sim trabalhar em cima das hipóteses apresentadas pelo texto e esclarecer alguns pontos deste. Portanto, o presente projeto visa analisar o problema da força “n’*O Contrato Social*”, com o objetivo de investigar como a forma de legitimação dessa força pode se dar por meio das convenções.

Palavras-chave: Rousseau – Convenção – Força – Poder Político – Escravização

Gyorgy Laszlo GYURICZA FILHO (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

gyoraimondi@yahoo.com.br

A ausência como impossibilidade de reconhecimento: uma análise filosófica de Walter Benjamin da literatura de Kafka

O objetivo da presente comunicação é investigar, a partir da filosofia de Walter Benjamin, a obra literária de Franz Kafka. Em face disso, será preciso especificar alguns pontos importantes para o filósofo alemão como *experiência* e *narração*. Para que isso aconteça, demonstrar-se-á como o conceito *experiência* poderá ser mais bem explicitado remetendo-nos ao vocabulário alemão. *Erfahrung* e *Erlebnis*, que, muitas vezes considerados sinônimos, distinguem-se em importância: *Erfahrung* representa a

experiência coletiva, ligada à prática e a todos os homens; *Erlebnis*, por sua vez, a experiência única individual, que pode ser mais bem traduzida por vivência.

Dessa forma, *Erfahrung* nos aponta para uma experiência que nos aproxima dos outros, que faz com que nos reconheçamos, que nos identifiquemos enquanto sujeitos participantes de uma sociedade que constantemente se constrói a partir desta mesma experiência. *Erlebnis* retrata o sujeito isolado, cujas experiências não são comunicáveis, um sujeito ausente de si mesmo, que não se reconhece nos outros.

O conceito de narração está estritamente vinculado ao de experiência. Ela é a maneira como o homem se comunica com os demais. Se nos atentarmos ao fato de que nossas vivências não são comunicáveis, observaremos como o narrador se distancia de nós.

Kafka, considerado por Benjamin como o maior narrador moderno, ilustrará este cenário de incomunicabilidade do ser humano com sua obra. Neste sentido, pretende-se situar a problemática em que se insere a pergunta, cerne da perplexidade contemporânea: *é possível suportar o peso da ausência que pressupõe a incomunicabilidade?*

Palavras-chave: experiência, narração, reconhecimento e ausência.

Hélio Dias COSTA JR (mestrando em filosofia/UFMG)

heliодias@yahoo.com.

A crítica da noção de ‘gênio artístico’ e a virada do pensamento de Nietzsche sobre a arte em Humano demasiado humano

Pretendemos mostrar aqui como a idéia de “gênio artístico”, tal como apresentada por Nietzsche em *O nascimento da tragédia* — a saber, como alguém que possui uma diferença de qualidade em relação ao indivíduo comum — difere radicalmente do modo a partir do qual Nietzsche aborda essa mesma questão em sua obra seguinte, *Humano, demasiado humano*, isto é, sem elevar o gênio, e mesmo o seu “espírito-livre”, a uma categoria ontológica diferenciada, tratando-os não mais como sobre-humanos inatos, mas como seres humanos normais, que se destacam por suas qualidades meramente humanas desenvolvidas para além da medida comum. Para realizar nossos objetivos, apresentaremos primeiro a versão schopenhaueriana da idéia do gênio, praticamente a mesma adotada pelo jovem Nietzsche, em seu primeiro livro, *O nascimento da tragédia*,

de 1871. Feito isso, passaremos à crítica dessa idéia apresentada em *Humano demasiado humano*, de 1878, na qual perceberemos a grande mudança no pensamento do filósofo alemão, com o rompimento em relação à “metafísica de artista” de sua obra anterior. Mostraremos, aqui, como ele reconstrói a idéia do gênio, despindo-a de todo o seu caráter metafísico até chegar à noção de “espírito-livre”, construída a partir do novo escopo de sua filosofia, que valorizará, então, o conhecimento em detrimento da arte. Tencionamos explicitar, a partir da distinção entre as idéias do gênio — tal como tratada pelo jovem Nietzsche e pela tradição alemã — e do espírito-livre, a diferença de método existente entre as reflexões contidas em *O nascimento da tragédia* e as de *Humano, demasiado humano*, mostrando como ocorre a “virada” metodológica no pensamento de Nietzsche a partir desta obra. O recurso à história, antes usado apenas para ilustrar as posições metafísicas defendidas, e o caráter antropológico e psicológico da investigação da natureza humana, passam a partir de então a ter um papel relevante na argumentação nietzschiana, tornando-se suas principais ferramentas. De acordo com Schopenhauer — e nisso ele é seguido pelo jovem Nietzsche — o gênio consegue ampliar seus horizontes e escapar às limitações de suas experiências pessoais por de uma inspiração metafísica, entendida aqui como a realização de um ser supra-humano. O homem comum, que tem acesso apenas à forma acidental dos fenômenos, é um escravo da Vontade, ao passo que o gênio é capaz de se libertar eventualmente desta por meio da emancipação de seu intelecto. A atividade do artista é, deste modo, a reprodução da essência do mundo a partir de sua contemplação, visando à comunicação do conhecimento oriundo desta atividade. E o gênio é o indivíduo capaz de realizar plenamente tal tarefa, dissolvendo-se completamente no objeto por meio apenas da pura contemplação e apreendendo, com isso, a essência das coisas por meio do conhecimento intuitivo. Em *Humano, demasiado humano*, Nietzsche, já distanciado de seus mestres Schopenhauer e Wagner e despido da metafísica de artista que impregna seus escritos do início da década de 1870, pinta agora um retrato diferente do gênio, não mais como uma criatura prenhe de poderes cósmicos, mas como um ser humano comum, diferente da maioria apenas por ter desenvolvido um talento latente por meio de muito esforço e dedicação. Não há qualquer referência a um caráter mitológico ou religioso da figura do gênio. Ele recebe uma educação, está inserido em uma determinada cultura; é um filho do seu tempo. Nietzsche constrói uma visão

“desencantada” do gênio, caracterizando-o pela ausência de inatismo, ao contrário do gênio metafísico, mas mantendo o seu caráter de exceção, sua capacidade para criar e sua independência em relação aos costumes tradicionais e às instituições.

Palavras-chave: gênio, arte, metafísica, espírito-livre

Heliton Rogério ZIMOLOG (graduando em filosofia/UNICENTRO)
hzimolog@yahoo.com.br

Agente paciente e espectador em Hume

Nas obras de Hume nota-se que sua teoria envolve uma série de eventos que começa com a ação do agente, a qual afeta o paciente, que por sua vez é observado pelo espectador. Hume diz que, todas as ações de um agente moral são motivadas pelos traços de caráter, especificamente traços de caráter virtuosos e viciosos. Hume sustenta que alguns traços de caráter virtuosos são instintivos ou naturais, tais como a benevolência, e outros são adquiridos artificialmente, tais como a justiça. Como um agente, sua ação terá um efeito sobre um paciente, pois este experimentará um sentimento imediatamente agradável por causa de seu ato. Além disso, o paciente pode ver a utilidade de sua ação, na medida em que lhe trará benefícios. Quando considerar sua ação, então, o paciente receberá outro sentimento agradável por causa de seu ato. Finalmente, eu, como espectador, observo estes sentimentos agradáveis que o paciente experimenta. Eu, então, experimentarei por simpatia, sentimentos agradáveis junto ao paciente. Esses sentimentos de prazer sentidos por meio da simpatia constituem minha aprovação moral do ato original de caridade que você, o agente, faz. Ao experimentar por simpatia este prazer, eu desse modo proclamo que seu traço de caráter motivante é uma virtude, como oposto a um vício. Suponhamos, por outro lado, que você como um agente fez alguma coisa prejudicial ao paciente. Eu como espectador, experimentarei então por simpatia a dor do paciente e desse modo proclamarei que seu traço de caráter motivante é um vício, como oposto a uma virtude. É difícil determinar se o traço de caráter motivante de um agente é natural ou artificial. As virtudes naturais incluem a benevolência, humildade, caridade e a generosidade; as virtudes artificiais incluem a justiça, cumprimento de promessas,

lealdade e a modéstia. Hume classifica as principais virtudes que são necessárias para um estado bem ordenado como artificiais, e classifica somente as virtudes mais desnecessárias como naturais. Ao despertar um sentimento de aprovação moral, o espectador não tem que ver realmente o efeito da ação de um agente sobre o paciente. O espectador poderia simplesmente ouvir a seu respeito ou o espectador poderia até simplesmente inventar todo um cenário e pensar sobre os possíveis efeitos de ações hipotéticas. Embora o agente, o paciente e o espectador tenham papéis psicológicos distintos, em algumas situações uma só pessoa pode desempenhar mais do que apenas um destes papéis. Por exemplo, se eu, como agente doar a caridade, como um espectador de minha própria ação eu posso também ter simpatia pelo efeito de minha doação sobre o paciente. Dadas às várias combinações de espectadores e pacientes, Hume conclui que existem quatro categorias irreduzíveis de qualidades que exaustivamente constituem a virtude moral: Em primeiro, as qualidades úteis aos outros, as quais incluem a benevolência, humildade, caridade, justiça, fidelidade e a veracidade; Em segundo, as qualidades úteis a nós mesmos, as quais incluem engenho, perseverança e paciência; Em terceiro, as qualidades imediatamente agradáveis aos outros, as quais incluem a sagacidade, eloquência e asseio; e por último, as qualidades imediatamente agradáveis a nós mesmos, as quais incluem bom humor, auto-estima e orgulho.

Palavras-chave: Utilidade, Virtude, Vício, Caráter.

José Aparecido PEREIRA (FECEA - Apucarana)
pzez@bol.com.br.

A função da estética no pensamento de Schopenhauer

Fazer uma abordagem em que seja explicitada a função da estética no pensamento de Schopenhauer, constitui-se como objetivo principal dessa comunicação. Cumpre dizer que a obra e o pensamento desse pensador contêm uma característica veemente pessoal não sendo muito fácil associá-lo explicitamente a uma escola ou movimento filosófico. Apesar de se constituir como um crítico mordaz do idealismo alemão, Schopenhauer se coloca na perspectiva do idealismo transcendental sendo fortemente influenciado pela filosofia kantiana. Contudo, ele

começa a afastar-se de Kant na medida em que gradativamente vai elaborando a sua metafísica da vontade, colocando de lado a preocupação com a filosofia crítica. Desta forma, pode-se dizer que Schopenhauer é o filósofo da vontade, pois ele a considera como a essência da subjetividade. Segundo ele, a essência da nossa existência é predominantemente vontade. Assim, se se fizer uma análise mais profunda do nosso ser, descobrir-se-á que somos vontade. Para o referido pensador, a vontade é a substância íntima, o núcleo de toda coisa particular e do todo. É aquela que se manifesta na força natural cega e aquela que se revela no comportamento racional do homem. Por isso que, para Schopenhauer, a vontade é conflito e dor: querer é sofrer por carência e tédio. Nesse sentido, se a essência do homem é vontade, então a vida humana oscila entre a dor e o tédio. Isso se torna explícito quando Schopenhauer afirma que a vida é necessidade e dor. Se a necessidade humana é preenchida, então o homem mergulha na saciedade e no tédio. Para Schopenhauer, o fim, em substância, é ilusão: com a posse, desvanece toda a atração que a vontade implica. Entretanto, o desejo renasce novamente e, com ele, a necessidade. Do contrário, eis a tristeza, o vazio, o tédio, inimigos ainda mais terríveis do que a necessidade, afirma o filósofo. Percebe-se, então, a partir das reflexões de Schopenhauer que a vontade, como essência do homem, leva-o a um ciclo constante em que a dor e o tédio se constituem como a mola propulsora da vida humana. Visto que querer é sofrer, a vontade última do homem pode ser inferida como aquela em que ele quereria não querer. A questão é: como sair desse ciclo de dor e tédio gerados pela vontade? Segundo Schopenhauer, quando o ser humano consegue entender que a realidade é vontade e que ele mesmo também é, então ele começa delinear o caminho da sua redenção e ela só pode se dar com o deixar de querer. Ele defende que só podemos nos dissociar da dor e do tédio e nos subtrair à cadeia infinita das necessidades mediante a arte e a ascese. Ele entende que na experiência estética, o indivíduo se desvincula do ciclo da vontade, afasta-se dos seus desejos, anula as suas necessidades, deixando de olhar os objetos em função de eles lhe poderem ser úteis ou nocivos. O que Schopenhauer está querendo dizer é que na experiência estética não somos mais conscientes de nós mesmos, mas somente dos objetos intuídos. Assim, para ele, a experiência estética é a anulação temporária da vontade e, portanto, do tédio e da dor.

Palavras-chave: Estética, Vontade, Subjetividade, Dor, Tédio

José Beluci CAPORALINE (DFL/UEM)

jcaporalini@bs2.com.br

O projeto pedagógico socrático

Procura-se mostrar neste artigo algumas características do projeto pedagógico socrático, partindo-se de alguns aspectos da personalidade de Sócrates. Depois se procura abordar as convergências e divergências de seu método com o dos sofistas, bem como as características mais típicas do pensamento socrático como a ironia, a maiêutica, e o autoconhecimento. Conclui-se falando em princípio sobre algumas das possíveis aplicações do seu projeto pedagógico hoje.

Palavras-chave: Pedagogia socrática; ironia; maiêutica; autoconhecimento.

José Fernando da SILVA (doutorando/UNICAMP)

fernandowitt@yahoo.com

Estética e crise do sujeito na Viena fin de siècle

Nesta comunicação, mostraremos como a concepção estética que o Movimento de Secessão austríaco, se insere na ampla discussão a respeito do estatuto do sujeito que movimentou a cultura vienense em torno de 1900. Seguiremos o seguinte percurso: primeiro procuraremos apontar quais os traços característicos desta crise do sujeito, esboçando a fórmula do “*unrettbares ich*” de Ernst Mach. Foi físico-filósofo Ernst Mach quem chamou a atenção dos intelectuais e artistas vienenses para o problema da essência do sujeito. Ele criou uma fórmula, “*unrettbares ich*” (o eu irrecuperável), com a função de desacreditar qualquer defesa da existência no mundo de uma entidade que correspondesse ao que chamamos de “sujeito” ou “eu”. Com ela, Mach acusa de metafísica toda vasta tradição intelectual que assume a existência de uma entidade subsistente ao caráter efêmero da gama de atributos e qualidades de uma existência individual. O “irrecuperável” da fórmula significa que noções como “ego” ou “eu” seriam destituídas de fundamentação sensível. Esta fórmula foi exposta por Ernst Mach em sua obra *A análise das sensações* e também foi por ele disseminada em suas aulas na Universidade de Viena. A fórmula sustenta que a idéia do *eu* se constitui numa noção que nada afirma a respeito da realidade, sempre nos conduzindo a enganos e malogros epistemológicos. Em seguida,

veremos como os artistas da Secessão vienense assimilaram a fórmula machiana em seus trabalhos, pleiteando o uso da arte como veículo de construção de uma identidade edificada sobre a plena vivência fenomênica da obra de arte. Fundado em 1897, sob a direção do pintor Gustav Klimt, o movimento de Secessão austríaco se caracterizou pela criação de uma arte capaz de se mostrar presente nas diversas esferas da vida social. A intenção do movimento era fazer um pleno entrelaçamento da arte com todas as atividades de nossa vida. Desta interação deveria emergir um novo sujeito, alguém cuja essência se refletiria, a partir de sua relação com a arte, em todos os mínimos aspectos de sua realidade. A concepção de arte proposta pela Secessão austríaca expressava uma espécie de pan-psiquismo. A fórmula machiana propõe a redução da essência do sujeito a um conjunto de dados fenomenicos e, de modo similar, a Secessão propôs a redução da essência do sujeito ao conjunto de elementos artísticos que impregnavam cada aspecto de sua vida.

Palavras-chave: Viena *fin-de-siècle* – arte – sujeito – Secessão – ornamento.

Juliana Christina Faizano MURARI (graduanda em filosofia/UEM)

jumurari@hotmail.com

A importância pedagógica dos poetas Hesíodo e Homero na educação dos jovens na Grécia antiga.

A presente pesquisa tem como objetivo analisar um aspecto do processo educativo na Grécia antiga, a saber, procura examinar e entender o papel e a relevância pedagógicos que os poetas, Hesíodo e Homero tiveram junto aos jovens gregos, através de suas obras. Os gregos pela primeira vez formularam o conceito que nós temos hoje de educação liberal, ou seja, a educação digna, do homem livre; uma educação que habilita o homem a tirar proveito de sua liberdade que enfatiza sempre o desenvolvimento individual de cada cidadão enquanto ser humano. Com os gregos mais do que outro povo a educação englobou características semelhantes às nossas no século XXI.

A primeira forma de educação na Grécia antiga, a do chamado período homérico, não possuía nenhuma organização institucional específica ou um método extremamente elaborado. Era uma educação que consistia essencialmente num treino de atividades

práticas definidas. O treino para as necessidades mais humildes da vida era realizado em casa. Contudo, a educação homérica continha os germes da teoria do desenvolvimento da personalidade. Compreendia o duplo ideal do homem de ação e de sabedoria.

Nos mitos tanto hesiódicos quanto homéricos encontramos personagens de extrema bravura, honestidade, sabedoria e um elevado senso de justiça. Esses heróis, como Aquiles, Ulisses e Heitor se tornaram arquétipos para os gregos, e esses tinham o dever de buscarem ser semelhantes aos seus heróis. O homem grego aprende desde pequeno a respeitar os deuses e a crer em seus mitos. Essas histórias ainda que fantásticas buscavam a formação de um cidadão ético, justo e sábio.

Esse modo de educação pretendia educar a criança para viver em sociedade, era um educar para a boa convivência entre todos os cidadãos. Segundo Jaeger toda educação é o resultado da consciência viva de uma norma que rege uma comunidade humana. A educação participa da vida e do crescimento da sociedade, tanto no seu desenvolvimento exterior quanto no seu desenvolvimento espiritual.

A história da educação está essencialmente condicionada pelos valores válidos em cada sociedade. A Grécia ocupa uma posição singular, é ela que cria pela primeira vez um ideal de educação que busca englobar o homem dentro de uma comunidade, formando assim a idéia de cultura. Ao criar essa cultura própria, a educação grega elabora todo um significado prenhe de sentidos que seriam absorvidos pela cultura ocidental.

A importância universal dos gregos como educadores deriva da sua nova concepção do lugar do indivíduo na sociedade. A educação ocidental desde o seu nascimento até hoje recebe influências desse modo grego de educar.

O modo grego de educar constitui o ponto de partida para todas as teorias educacionais até os nossos dias. A característica fundamental de valorizar o indivíduo enquanto homem e enquanto ser pertencente a uma comunidade é um dos principais aspectos discutidos ainda hoje quando se fala de educação. Hoje, muitos séculos depois, buscamos educar os jovens para fazerem parte ativamente de uma civilização e ao mesmo tempo serem pessoas cada vez melhores, éticas e justas. Os gregos enquanto iniciadores dessas preocupações e criadores de um método educativo próprio se tornam para nós o melhor exemplo que aponta para possíveis resoluções inclusive para os problemas atuais.

O problema levantado pelos gregos sobre educação é um dos temas mais discutidos até hoje. Daí sua relevância ainda hoje, mais do que nunca.

Palavras-chave: Mito, Educação, Grécia, Cidadão.

Juliana DESESSARDS (mestranda em filosofia/PUCPR)

[judessards@zipmail.com.br](mailto:judesessards@zipmail.com.br)

Delight & Kontrast – construindo o sublime. Uma leitura do sublime em Burke e Kant sob a ótica da percepção do espaço

O espaço e sua influência no campo da percepção, sempre foram temas discutidos no campo das artes visuais e principalmente da arquitetura. Por muitas vezes suas tentativas de representação e de expressão dos sentimentos gerados por ele, foram a mola propulsora para descobertas e inovações de formas de representação e superação de técnicas construtivas.

Sua imaterialidade e, no entanto, forte capacidade de influência sobre o observador e sobre nossos sentidos de percepção transformaram-no em um objeto de estudo de caráter complexo e de forte subjetividade.

Dentro do estudo da estética, encontra-se inserido um tema especialmente interessante ao objetivo do estudo da percepção do espaço pelo observador: o sentimento do *Sublime*.

A análise do sublime, muito além de ser apenas mais um tópico dentro da discussão sobre o *Belo*, traz conceitos e questionamentos à luz da questão da contemplação e dos sentimentos gerados no observador.

Kátia Mayra Lopes BATISTA (graduanda em história/UEM)

aitakroll@gmail.com

Les demoiselles d'Avignon e o cubismo: uma discussão corrente.

Segundo John Golding, é possível dizer que o cubismo foi introduzido em 1906 por Les Demoiselles d' Avignon, obra que o autor afirma ter sido o ponto culminante na

carreira de Picasso e o documento pictórico mais importante do século XX. Apesar de não ser um quadro cubista, as duas principais influências que concorreram no quadro, foram também as mais tocantes ao desenvolvimento inicial do movimento: a obra de Cézanne e a escultura africana.

Através da arte negra os cubistas puderam descobrir a simplicidade linear, a clareza de estrutura e a expressividade intensa dessa técnica. Artistas de várias correntes tentaram atingir essa clareza de estruturas, porém somente os cubistas a alcançaram, começando por Picasso em *Les Femmes d'Alger (O Jovem)*, uma obra que destruiu as distinções tradicionais entre o belo e o feio na arte. O cubismo inaugurou a arte conceitual, onde os artistas se preocupam menos com o tema que com as técnicas desenvolvidas em cada tela. Dessa forma, o movimento cubista proclamava a autonomia dos elementos formais do quadro.

No quarto capítulo de *Relações de força*, intitulado *Além do exotismo: Picasso e Warburg*, Ginzburg aplica sua negação ao consenso pós-moderno de que a história é uma disciplina essencialmente retórica, idéia que coloca à margem a importância da prova, como se as duas coisas se excluíssem. Valendo-se de uma série de documentos, Ginzburg traça um caminho seguro ao analisar os aspectos correntes na discussão da obra *Les Femmes d'Alger (O Jovem)*, de Picasso. O autor apresentou a seqüência de desenhos que Picasso fez no tempo em que trabalhava o quadro, fotografias da coleção particular do artista, que supostamente teriam marcado o elemento negro presente no quadro, e vários argumentos mais. É como se Ginzburg fizesse o que Picasso sugeriu numa conversa de 1935 (página 272 de *Teorias da arte moderna*, H. B. Chipp): “Seria muito interessante fixar fotograficamente, não as etapas de um quadro, mas as suas metamorfoses. Talvez então se perceberia qual o caminho seguido por um cérebro para a concretização de seu sonho”.

Palavras-chave: *Les Femmes d'Alger (O Jovem)*, cubismo, conceitual, forma.

Kléber Fermínio DIAS (graduando em filosofia/UEM)

xxebeckx@hotmail.com

O homem nos pensamentos de Blaise Pascal

O presente trabalho tem por objetivo fazer uma exposição da condição humana nos *Pensamentos* de Blaise Pascal. Buscaremos apontar que sem princípios absolutos no âmbito científico os homens também não os têm no âmbito moral. Mas isto não significa que o homem não deseje estes princípios e, como veremos, é no âmbito moral que o homem mais necessita deles. Onde o homem, segundo Pascal, buscará o sentido de sua existência? Adotaremos aqui a posição que defende que Pascal encontra na religião não uma fuga mitológica e moralizante para o homem, mas que nela ele encontra uma forma de tornar pensável o paradoxo humano; que sua aposta em Deus é uma aposta na tentativa de dar sentido ao homem e ordenar-lhe o pensamento. Para explicar esse paradoxo Pascal necessita da religião. A religião é, neste ponto, um instrumento na mão do autor, um instrumento que explica e ordena o homem, dá-lhe a segurança de que há pelo menos uma explicação para sua condição.

Não dividiremos o texto em títulos e subtítulos, não por acreditar que um texto como o de Pascal não pode ser ordenado (pois pode e já foi feito por muitos comentadores), mas por assumir nossa dificuldade em dar uma ordenação por títulos ao texto e por acreditar que, sem títulos, podemos nos movimentar dentro dos fragmentos mais livremente.

Lucas dos Reis MARTINS (mestrando em filosofia/UNICAMP)

lrmartins@gmail.com

Massa e humanização: De Canetti a Sloterdijk

O trabalho propõe-se a analisar o fenômeno das massas humanas e suas implicações culturais, sociais e políticas para o século XXI. Partindo da clássica obra *Massa e Poder* (1960), de Elias Canetti, o estudo prossegue com o exame de dois ensaios de Peter Sloterdijk, *Regras para o Parque Humano* (1999) e *O Desprezo das Massas* (2000), e procura esclarecer as transformações do conceito de massa entre esses dois

autores, da massa negra e molar de Canetti à massa colorida e gasosa de Sloterdijk. Sem a pretensão de percorrer o conceito na história da filosofia política, pretende-se fazer notar como a reflexão sobre a natureza, as potencialidades e os riscos das multidões assume um papel cada vez mais importante no pensamento sobre a política e cultura contemporâneas. As catastróficas experiências das grandes guerras mundiais mostraram a urgência de uma análise séria dos comportamentos direcionados ou espontâneos de massa, principalmente para aqueles que desejam pensar sobre o que ainda podem significar, hoje, idéias como *democracia* ou *humanidade*. Se, como nota Sloterdijk, o humanismo não é mais capaz de domesticar o homem contemporâneo, bombardeado cada vez mais intensamente por mídias embrutecedoras, outras antropotécnicas - mais efetivas que o velho humanismo na sua forma de domesticar o homem - deverão substituí-lo em nome de um determinado projeto de humanidade. Massa e humanização apresentam-se hoje como tópicos estreitamente relacionados, e refletir sobre o que significa ser humano hoje e o que poderá significar amanhã exige uma maior compreensão dos fenômenos de massa no século que se inicia.

Palavras-chave: Sloterdijk, Canetti, Massa, Multidão.

Luciano dos SANTOS (mestrando em filosofia/UNICAMP)
luxcampos@uol.com.br.

A essência relacional do homem na carta de Heidegger Sobre o Humanismo

Este trabalho objetiva expor algumas idéias da Carta de Heidegger *Sobre o Humanismo* e apresentar a sua proposta de um humanismo pós-metafísico e pós-literário, no qual a essência do homem – concebida como ec-stática e relacional - *deve* ser levada à sua plenitude pela “simplicidade” da *ação de pensar*. A tematização da idéia heideggeriana de realização da essência do homem a partir de uma relação originária com *o ser* pretende, neste trabalho, abrir um sulco para o questionamento das possíveis implicações éticas de uma tal relação.

Marco Antonio BATISTELLA (Graduando em filosofia/UNIOESTE)
marcoa.batistella@gmail.com.

Sentimento, piedade, e o ideal de belo moral em J.J.Rousseau
É no coração do homem que está a vida do espetáculo da natureza, para vê-lo é preciso senti-lo. (Rousseau)

Neste trabalho, proporemos analisar o modo como pode ser compreendida a noção belo moral na filosofia do genebrino J.-J. Rousseau. Visualizaremos, nesse modo, mesmo que em linhas breves, que a estrutura argumentativa de Rousseau confronta o pensamento em voga de que o sentimento de piedade pode ser implementado ou aperfeiçoado através de uma educação estética do sentimento via representação teatral. Tomaremos momentos nevrálgicos da construção estrutural da filosofia do genebrino, principalmente no que pese a investigação da esfera essencial do homem e sua representação na idéia de *homem natural* para a prestação de uma “educação conforme a natureza”.

Palavras-chave: Sentimento, Representação, Interioridade, Natureza.

Marlon Santos TRINDADE (mestrando em filosofia/UFOP)
mar3santos@yahoo.com.br

A música no processo de superação da arte em Hegel – A tonalidade como o verdadeiro e indícios de superação da tonalidade em diálogo com Adorno

Este artigo se propõe a pensar a música dentro do processo de superação da arte de Hegel, ou seja, do menos espiritual para o mais espiritual: ritmo, harmonia e melodia onde o retorno à tônica é o conteúdo verdadeiro. Com o fim da arte o conteúdo vai rumo ao prosaico, o que na música representa o não retorno a Tónica. Adorno vê a recusa dessa pelo público como uma negação de seus espelhos, que lhe são estranhas, desconcertantes e insuportáveis. Críticas a Stravinski e a Schoenberg.

Palavras-chave: Tonalidade – Hegel - Arte

Nathalia MUYLEAERT (graduanda em filosofia/UEM)

nathalia.m.locks@gmail.com.

A razão instrumental de max Horkheimer

A Sociedade da Indústria Cultural não só viu como filmou os rumos ao qual a manipulação de seus meios de comunicação tomava. Essa indústria transmitia pelo rádio a degradação da Razão iluminista e sua transformação: de Razão objetiva em subjetiva. A Sociedade da indústria cultural anunciava assim a Era da razão instrumental e seu novo Slogan: “Os fins Justificam os Meios”.

O Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães são os maiores representantes desta razão usurpadora. Cabe a razão instrumental modificar valores tendo por finalidade o benefício particular, mesmo que a transvaloração dos valores ocasione algum tipo de Barbárie. No caso da Alemanha nazista, a razão subjetiva vem a fortalecer sua ideologia. Isto é, o caráter afirmativo da cultura, propagados através de valores como beleza, limpeza e corpo saudável, quer dizer: a purificação do povo alemão e o fortalecimento da raça ariana.

A propaganda nazista ataca todos os segmentos da sociedade, a começar pela adesão do nome *trabalhadores*, ao nome do partido nacional-socialista, aspecto este importante, pois induz a classe trabalhadora a aderir ao partido. Continuando na mesma “lógica”, de causar confusão ideológica na classe trabalhadora, Hitler dá nova roupagem ao conceito de “trabalho”. Em seu discurso aos trabalhadores, dirá que o conceito de trabalho não mais será um conceito de divisão, mas sim de união. Hitler coloca como negação do trabalho sua divisão e não a alienação. A união prometida é uma união entre os membros da classe trabalhadora e não a abolição da divisão social do trabalho.

Desta forma, o discurso instrumentalista funciona de tal forma, que mesmo reforçando o conteúdo alienante do trabalho, os trabalhadores não se dão conta. Ora, com a guerra a produção em série de armas só foi intensificada. A divisão do trabalho mais segmentada ainda, de tal maneira que o trabalho na Alemanha torna-se sinônimo de Fordismo. Contudo, o verdadeiro massacre introduzido pelo uso da razão instrumental ainda está por vir.

Os Nazistas tinham forte conhecimento do poder que a manipulação dos meios de comunicação pode gerar. Por isso, em seu governo havia um ministério especial dedicado a propaganda. Sua propaganda tem por objetivo adormecer a razão e despertar as emoções da massa. Isto é, dar modelos prontos de racionalidade, que no caso fortaleciam seus conteúdos alienantes trazendo à tona o homem bárbaro.

Se hoje em dia os modelos de racionalidade são aqueles embutidos nos slogans das mercadorias; na Alemanha nazista a mercadoria a ser consumida era o próprio Nazismo (entende-se uma ideologia que resgata a grandiosidade dos impérios gregos e romanos em sua totalidade, tanto na construção estética quanto na política). Mas não só os trabalhadores se comportaram como bons consumidores desta ideologia. Os cientistas também cumpriram muito bem seu papel dentro da divisão social do trabalho; construindo armas de destruição em massa. Dessa forma o rádio anuncia sua máxima consequência: A concretização da Barbárie.

Será assim, possível fazer poesia depois de Auschwitz? Será possível o retorno de uma Razão objetiva? Quais as consequências da propaganda nazista na sociedade atual?

Paula JOKURA (graduanda em matemática/UEM)

tori_kan@hotmail.com.

O nascimento da perspectiva e o surgimento da geometria projetiva

Com estudos da literatura dos gregos antigos, principalmente Euclides, Ptolomeu, Apolônio e Pappus e a partir da necessidade sentida pelos renascentistas em representar um objeto com a ilusão de profundidade e proporcionalidade, ou seja, tal como era visto, artistas e matemáticos, como Alberti, Piero della Francesca e Filippo Brunelleschi construíram métodos de representação. O primeiro, publica a obra *Da pintura*, na qual descreve seu “Modo Ottimo”. O segundo, em *Prospettiva pingendi*, formula de modo axiomático as bases geométricas de representação em perspectiva, e finalmente Filippo Brunelleschi, por meio de suas experiências ópticas fornece aos artistas técnicas para solucionar o problema de profundidade nas pinturas. Após esse período, mas sob influência das técnicas de representação renascentista, Desargues escreve sobre as seções cônicas em sua obra *Brouillon projet d'une atteinteaux événements des rencontres dún*

cone avec un plan, na qual desenvolve teoremas sobre involução, conjuntos harmônicos, homologia, perspectiva e pólos e polares. Porém, Descartes, com o *Discurso sobre o método*, e seu apêndice *La Géométrie*, lança uma nova geometria, a saber, a Geometria Cartesiana, a qual, segue a tradição da Geometria Euclidiana. E o pensamento de Kant, no qual a geometria é um conhecimento a priori, e essa geometria é a Euclidiana, fez com que a obra de Desargues fosse esquecida até o final do século XVIII. Contudo, Poncelet, a partir do manuscrito da obra feito por Philippe de la Hire, escreve o tratado, *Traité des propriétés projectives des figures*, que contém as idéias fundamentais da Geometria Projetiva.

Palavras-chave: perspectiva, renascimento, geometria projetiva.

Renata de Pina COSTA (mestranda/PUCPR)

re_pcosta@hotmail.com

Os períodos artísticos da arte em Hegel e o fim do período romântico

A sistematização da Estética em seu sentido moderno teve início no século XIX. Obras como 'Cursos de Estética', de Hegel, são marcos de uma mudança na compreensão filosófica da arte, sendo esta obra considerada como o maior empreendimento de filosofia da arte dos tempos modernos. Hegel divide a produção artística da humanidade em três grandes períodos: a arte simbólica, a arte clássica e a arte romântica. A arte simbólica possui uma forma mais rudimentar, extrai seu conteúdo das significações naturais e das personificações humanas. Aqui o artista não se dá conta da inadequação existente entre o conteúdo (espiritual) que pretende representar e sua forma (sensorial), com que pretende representar. Ela ainda não possui em si mesma, portanto, a individualidade que o ideal requer, a forma ainda é deficiente. A arte clássica exalta e representa a perfeita adequação da forma e do conteúdo. Pela primeira vez, portanto, a arte oferece a produção e intuição do ideal, apresentando-o efetivado. Vale ressaltar que essa adequação não deve ser tomada no sentido meramente formal, ou seja, da concordância de um conteúdo com sua significação, pois, se assim fosse, qualquer objeto da natureza seria considerado clássico. Para o ideal clássico, o corpo humano é a mais perfeita forma. Contudo, nesta forma o espírito permanece determinado como particular e não como

espírito absoluto e eterno. E é por essa limitação que, de acordo com o autor, é na arte romântica que a espiritualidade atinge seu apogeu. A arte romântica é a arte da interioridade absoluta e da subjetividade consciente de sua autonomia e liberdade. O conteúdo substancial das representações da arte romântica é a subjetividade absoluta, a união do espírito com a sua essência. Na fase romântica, o espírito sabe que a sua verdade não consiste em mergulhar no que é corpóreo. Ele sabe que só é capaz de adquirir consciência de sua verdade quando se retira do que é exterior para regressar a si mesmo, pois no exterior o espírito não encontra mais os elementos de uma existência adequada. Seu conteúdo passa a ser a unidade da natureza humana e divina. Após esta breve apresentação das formas de arte universais, pretende-se chegar ao cerne desta apresentação, que é percorrer o caminho traçado por Hegel após o momento em que a arte romântica começa a entrar em declínio. Suas idéias à respeito da arte após o período romântico foram alvos de críticas e comentários ao longo do tempo. Dentre os autores que se debruçaram sobre o assunto, pode-se citar nomes como Heidegger, Adorno, Dante, Croce, etc. Hegel foi o autor que pensou a arte no limiar da modernidade e é por isso que a importância de abordar este autor é ressaltada, pois esse momento foi de muita efervescência artística e especulação filosófica e, portanto, muitas divergências e até mesmo equívocos foram cometidos na revisão dos fatos, e é por isso que se faz-se mister entender qual verdadeiramente o caminho percorrido por Hegel ao escrever a obra.

Palavras-chave: estética hegeliana, arte simbólica, arte clássica, arte romântica, arte em Hegel.

Renato MOSCATELI (doutorando/UNICAMP)

r057939@dac.unicamp.br.

O Republicanismo em Montesquieu e Rousseau

Que a meta principal da boa ordem política consiste na liberdade dos cidadãos, trata-se de uma idéia veementemente defendida ao longo das páginas d'*O Espírito das Leis*, e que constitui o alicerce sobre o qual se erige o *Contrato Social*. Afirmar simplesmente esse ponto de convergência, porém, não basta para justificar uma

similaridade no posicionamento de Montesquieu e Rousseau sobre essa questão. Seria preciso analisar seus conceitos de liberdade política para descobrir se é possível encontrar uma fonte comum a ambos os autores, e é este o objetivo da presente comunicação. A partir de estudos realizados nas últimas décadas por pesquisadores como Philip Pettit, diversos elementos podem ser apresentados para vincular os dois filósofos do séc. XVIII a uma mesma corrente de pensamento, aquela chamada pelo nome de republicanismo. De acordo com Pettit, a noção republicana de liberdade baseia-se no princípio da não-dominância, ou seja, da não-sujeição dos indivíduos ao arbítrio de outrem. Nas obras de Montesquieu, bem como nas de Rousseau, acreditamos poder discernir esse mesmo princípio, manifestando-se na crença de que a obediência à lei, longe de ser uma interferência que lesa a liberdade individual, é uma condição necessária para garanti-la, protegendo os cidadãos da submissão à vontade arbitrária dos governantes. Para Montesquieu, o indivíduo livre é aquele que não pode ser constrangido a fazer algo que a lei não ordena, ou seja, aquele que está sob o império das leis, e não dos homens. Graças a isto, ele desfruta de uma tranquilidade de espírito proveniente da opinião que tem de sua segurança, pois vive sob um governo no qual nenhum cidadão tem de temer os outros, ponto essencial para que a liberdade política seja não apenas garantida formalmente, mas sentida pelos homens. Para Rousseau, igualmente, o único meio de assegurar que ninguém se veja sob o domínio de outrem é fazer com que pessoa alguma esteja acima das leis. Caso isto ocorra, nem mesmo o governo será um obstáculo à liberdade do povo, já que os cidadãos obedecerão unicamente às leis, e não aos homens que as executam; é pela força da lei que o povo não tem de se curvar à força de uma vontade arbitrária e à dominação que ela acarreta.

Palavras-chave: Montesquieu; Rousseau; republicanismo; liberdade.

Roberto Carlos Simões GALVÃO (mestre em educação)

rsgalvao@bol.com.br

Fundamentos da educação em Sartre

Jean-Paul Sartre (1905-1980) foi um dos mais expressivos pensadores da contemporaneidade. Ideólogo do existencialismo ateu, filósofo engajado, jornalista e escritor, Sartre também se destacou como professor e educador à época em que lecionava no Liceu do Havre (França). A filosofia do autor premiado é bem conhecida pela ênfase no indivíduo e intransigente defesa da liberdade individual, seu fundamento. Conseqüentemente, ela tem sido apontada como possível fundamentação para uma educação "progressista" que tenha o estudante como centro. A educação existencialista objetiva encorajar as pessoas a se engajarem na luta por um contínuo auto-aperfeiçoamento. Objetiva, sobretudo, auxiliar o estudante a ser ele mesmo, a ser livre. Não obstante o fato de ter sido apontado como um professor inovador e ousado para a sua época, Sartre pouco escreveu sobre o tema da educação propriamente dito. Nesse sentido, considerando que muitos de seus escritos evocam a infância e a juventude, o presente artigo busca apontar elementos pedagógicos presentes no existencialismo sartriano.

Palavras-chave: Fundamentos da educação, existencialismo, filosofia.

Tiago Monteiro VIOLANTE (graduando em filosofia/UEL)

monvill@ig.com.br

Em-si e para-si: transfenomenalidade na introdução de O ser e o nada

Qual a primeira imagem capaz de identificar Sartre com sua obra *O Ser e o Nada*? Ao se tentar responder esta pergunta, enceta-se o leitor ao entendimento dessa obra fundamental do existencialismo sartriano, ao mesmo tempo em que se descrevem os movimentos argumentativos que proporcionaram Sartre cindir o *Ser* em duas regiões ontológicas: o *ser em-si* e o *ser para-si*. No entanto, o presente texto realiza uma breve descrição sobre a herança filosófica que proporcionou o autor se situar na filosofia contemporânea, promovendo a superação do embate filosófico entre *realismo* e *idealismo*.

O conceito de *intencionalidade*, tal como o concebeu a fenomenologia husserliana, é quem proporcionou a liberação da *consciência* de todo seu conteúdo que antes a substancializava, restabelecendo a verdadeira relação entre esta e o mundo, isto é, “a consciência como consciência posicional do mundo”. Este só pode ser o primeiro passo de toda a filosofia. Dessa forma, analisando o *fenômeno de ser* à luz da descrição fenomenológica, o filósofo francês intuiu a necessidade de se fundamentar o conhecimento ontologicamente, o que fez com que revelasse a dimensão de ser transfenomenal do sujeito e, posteriormente, do *fenômeno de ser*. Se todo o *fenômeno de ser* é um relativo-absoluto, isto é, relativo por pressupor alguém a quem aparece e absoluto por ser indicativo de si mesmo, Sartre identificou que o ser a quem o *fenômeno de ser* é relativo, deve escapar a condição de ser percebido enquanto percebe, ou seja, deve escapar e fundamentar o próprio conhecimento que tem do mundo e de si mesmo. Assim, o conceito de *consciência* adquiriu a primeira dimensão transfenomenal do ser. Descrevendo e analisando esta *consciência* intencional, o filósofo reconheceu aquilo que chamou de “prova ontológica”, ou seja, a *consciência* possuindo a *transcendência* como uma de suas estruturas, garantindo com isso a relação com um ser que ela não é, isto é, com um ser não-consciente. Esse é o ser transfenomenal do fenômeno, ou seja, o conceito de *ser em-si*. Os conceitos de *ser em-si* e *ser para-si* representam a dimensão transfenomenal do Ser, ou seja, os fundamentos a que Sartre se ocupará na compreensão do funcionamento da realidade humana em sua dimensão existencial.

Palavras chave: Sartre – Fundamento – Ser-em-si – Ser-para-si

Vanessa Furtado FONTANA (Unioeste)

fontanessa@yahoo.com.br

Estética fenomenológica da imagem em Husserl e Sartre

Como compreender a arte pictórica a partir da fenomenologia? Para responder a questão da imagem-arte é preciso voltar-se ao momento de doação da imagem. A fenomenologia de Edmund Husserl, ao examinar a constituição da imagem, requer o ato noético da imaginação como momento indissociável do processo de instauração da vida

imaginante. A filosofia de Sartre desenvolve a leitura fenomenológica da imagem a partir da análise ontológica do ser-no-mundo. A consciência fenomenológica implica uma mudança de visão diante do mundo. Esta mudança é dada através do método de reflexão. A imagem não é o resultado da ação do *ego*, mas se constitui simultaneamente ao imaginar. A imagem não está isolada, ela faz parte de uma *consciência completa*¹ formada por uma relação intencional, que visa descrever a essencialidade da consciência imaginante-imaginária. O refletir dirige a problemática ao estudo da consciência no seu modo imaginante e seu algo imaginado, no caso aqui requerido, à imagem manifesta na pintura. O trabalho analisa a ruptura da fenomenologia com a tradição da imagem-cópia e da imaginação falsificadora da realidade. A dicotomia entre razão e imaginação é consequência da divisão metafísica entre verdade e erro, sujeito e objeto. A imaginação foi repudiada como meio enganoso de conhecimento do mundo. A clássica pergunta pelo belo na obra de arte é clarificada pelo olhar transcendental. Ver-se-á como pensar a beleza da imagem nesta visão reflexiva. A fenomenologia resgata o caráter verdadeiro da imaginação através da tese da intencionalidade da consciência. A imagem não é um objeto, ela tem seu ser próprio. Contudo, a imaginação impõe um paradoxo ao projeto do idealismo transcendental. Se a ciência fenomenológica pretende descrever a evidência das conexões infinitas de possibilidades e a consciência imaginativa é o atentar livre deste campo da possibilidade, porque deter-se na primazia da percepção? A consciência do tempo aponta para o presente como modo originário. Conclui-se que a vida do eu puro é sempre um retornar ao presente, mas isto implica retornar ao real. Isto é negado no texto apresentado na introdução das *Idéias I*, que afirma serem os fenômenos irrealis os objetos de estudo desta nova ciência. Entre os temas a investigar estão a consciência pura, a intencionalidade, a fantasia, a consciência de imagem, o conteúdo hylético, as presentificações simples e neutralizada. A filosofia de Sartre, apesar de reconhecer a novidade inserida por Husserl, não se contenta com as teses apresentadas. Critica a cegueira diante da verdade trazida ao modo da consciência imaginante. Ele pensa a imaginação como a consciência mais particular e elevada do homem. O idealismo

¹ Sartre. *L'imaginaire*. P. 22.

transcendental só pode ser realizado na imaginação. O ego é um ser vivendo no mundo, mas que se abre ao transcendental através do portal imaginário. A arte tem o papel de mostrar o âmbito de constituição do mundo. A imagem da pintura é irreal, a consciência imaginante faz ver o anti-mundo do possível através da nadificação do efetivo. A beleza da imagem está em mostrar esta visada irreal como forma do para-si conquistar o conhecimento de si.

Palavras chave: consciência, imaginação, imagem, irrealidade.

Vivian Batista GOMBI (graduanda em filosofia/UEM)

vickgombi@hotmail.com

Uma nova sensibilidade: a liberdade contra a racionalidade repressiva

Considerando a inclinação da obra de Marcuse para a necessidade da revolução e sua afirmação de que o enraizamento da liberdade está na sensibilidade, o filósofo aponta para o necessário desenvolvimento de uma nova sensibilidade que possibilitasse ao homem uma nova dimensão da história humana.

Marcuse diz que a dinâmica capitalista se reproduz não só na consciência humana, mas também em sua sensibilidade. A expansão do controle social penetra nos níveis instintivos e fisiológicos da natureza humana, o que determina a forma de inteligibilidade do real. Assim, há uma falsa identificação das necessidades individuais dos homens com as socialmente impostas. É nesse sentido que Marcuse diz: “(...) as pessoas já não podem rejeitar o sistema de domínio sem se rejeitarem a si próprias, às suas próprias necessidades instintivas de repressão e aos seus valores”.(MARCUSE, 1977, p. 31).

Para que haja uma ruptura histórica na continuidade da dominação, faz-se necessário à afirmação de necessidades de um novo tipo de homem. A emancipação só pode existir onde exista a necessidade de emancipar-se, ou seja, precisa-se que a liberdade seja uma necessidade do homem. Para Marcuse, somente uma nova sensibilidade poderia trazer a consciência dessa necessidade de liberdade.

Isto porque enquanto o homem viver nesse condicionamento de seus sentidos, ele não tem a possibilidade da experiência da liberdade, pois neste condicionamento se reflete

uma racionalidade instrumentalizada e repressiva que determina o real. Nestas condições, o homem vive numa experiência mutilada do mundo imposta pela sociedade. Sem a ruptura com essa experiência, o homem está condenado a perceber o mundo tal qual é determinado pelas formas dadas.

Diante disso, podemos pensar na liberdade como um conceito que regula a razão, determinando-a. Da liberdade dos sentidos decorreria a liberdade da consciência, que fomentaria uma expressão racional impulsionada pela necessidade vital da abolição da injustiça e miséria. Como práxis na luta contra a exploração, a nova sensibilidade se torna uma força política, que poderia causar a emergência de uma revolução da percepção e de um novo princípio de Realidade “sob o qual a nova sensibilidade e uma inteligência científica dessublimada combinariam na criação de um *ethos* estético”.(MARCUSE, 1977, p. 40).

Marcuse acredita ser possível uma sociedade livre que se forme pelo estético. Por esse caminho, poderíamos desenvolver a tranquilidade e o belo enquanto formas da existência humana, pois a liberdade da imaginação não estaria moderada por uma sensibilidade e uma racionalidade unidimensional. Os sentidos e a razão sob uma nova afinação poderiam criar uma nova percepção do mundo elaborada pela sensibilidade estética do homem. Nesse sentido, o direito a imaginação se torna uma exigência de ação política, capaz de orientar a força produtiva para a reconstrução radical da experiência. Com a criação desse *ethos* estético, o filósofo relaciona o estético e o político. É na moralidade estética que poderíamos encontrar a criação de uma nova necessidade biológica da liberdade. Por isso, podemos dizer que o conteúdo social das necessidades estéticas se encontra nas reivindicações do organismo humano. Em Marcuse, a libertação individual dos sentidos aparece como fundamento da emancipação social.

Palavras-chave: sensibilidade, liberdade, racionalidade.